

A garota da capa –
Diana encara o
mundo na foto da
Vogue britânica de
dezembro de 1991.

Diana & a Rainha

Como duas mulheres de personalidade forte tentaram tornar real o conto de fadas

Por INGRID SEWARD

H

Á POUCO mais de quatro anos recebemos a trágica notícia de que Diana, princesa de Gales, morreu em um acidente de automóvel. Para aqueles que assistiram ao cortejo fúnebre na Abadia de Westminster, era fácil pensar nela apenas como uma princesa, alguém completamente diferente de nós. No entanto, para a família real britânica, Diana foi muito humana. Dedicou-se aos filhos, William e Harry. Apesar das brigas, amou o príncipe Charles, um marido indiferente. E teve um relacionamento complexo com a sogra, a rainha, a quem via ora como mãe substituta, ora como alguém que se intrometia em sua vida.



Grande estréia – A nova princesa chega com a rainha para a abertura do Parlamento em novembro de 1982.

Em *The queen and Di (A rainha e Diana)*, a escritora Ingrid Seward, que há 18 anos vem fazendo a crônica da família real, lançou mão de suas fontes para mostrar como Diana e a rainha estiveram perto de ser a salvação uma da outra. Diana dava vida à imagem pública da família real, fria e às vezes até estranha. Já a rainha oferecia a Diana a oportunidade de ter a vida familiar que lhe faltara – a mãe desfizera o casamento e abandonara o lar quando Diana tinha apenas 6 anos. Mas os problemas psicológicos da princesa e o rígido senso de protocolo e decoro da rainha acabaram por minar o relacionamento das duas.

Em seu livro, Ingrid relata a manhã do dia 31 de agosto, quando a rainha e o príncipe Charles souberam do acidente com Diana. A princesa e o namorado, Dodi Fayed, tentavam fugir dos *paparazzi* quando o motorista perdeu a direção do carro numa passagem subterrânea, em Paris. Quase imediatamente, a notícia chegou a Balmoral, castelo de veraneio da rainha na Escócia. –Os Editores

ARAINHA foi despertada nas primeiras horas da manhã e saiu ao corredor, onde encontrou o príncipe Charles. As notícias recebidas de Paris diziam que Dodi Fayed morrera, mas Diana sobrevivera. Logo todo o castelo estava acordado. Charles atendia os telefonemas. A primeira preocupação era saber o estado de Diana. Primeiro disseram que ela saíra do acidente praticamente ilesa. Depois, veio outra ligação. “Lamento informar que acabo de falar com o embaixador ao telefone. A princesa morreu há pouco.”

Charles perdeu o controle e as lágrimas que o público nunca veria

começaram a escorrer. A rainha também ficou aturdida. Embora outros membros da família real havia muito tivessem passado a ignorar Diana, Elizabeth conservara certa afeição pela nora. Ela reconhecia o potencial da princesa e via em sua morte uma perda terrível.

Na manifestação de pesar por parte daqueles que apoiavam Diana, a família real viu-se no meio de uma surpreendente explosão de rancor público. Multidões encheram as ruas de Londres, em luto pela princesa, e o Palácio de Buckingham foi acusado de tratá-la sem piedade. Talvez pela primeira vez na vida, a rainha Elizabeth teve de perguntar: “O que querem que eu faça?”

UMA VEZ PERGUNTEI a Diana se seu casamento fora por conveniência.

INGRID SEWARD, editora da revista britânica *Majesty*, entrevistou Diana em diversas ocasiões; a última, apenas dois meses antes da morte da princesa, em agosto de 1997.



Festa de casamento – A noiva de 20 anos conta um segredo à sua dama de honra mais jovem, Clementine Hambro, bisneta de Winston Churchill.

Com certa irritação, ela respondeu: “O casamento foi uma decisão minha e de Charles. Não foi da rainha. Foi nossa e de mais ninguém.”

Isso era verdade – ninguém mandou que Charles a pedisse em casamento nem que Diana aceitasse. Sem a aprovação da rainha, porém, nenhum pedido teria sido feito.

E quase todos insistiam para que Charles levasse o romance adiante. A rainha, pessoalmente, nunca abordou de modo direto a questão do casamento, mas por suas atitudes

deixou claro que aprovava Diana. No entanto, o príncipe estava confuso. “Às vezes tenho medo de fazer uma promessa e depois passar o resto da vida lamentando-a”, disse.

O pedido, quando ocorreu, trazia com ele a dúvida.

– Se eu a pedisse em casamento, o que você acha que diria? – indagou Charles.

Rindo, Diana respondeu:

– OK, está bem.

Charles então foi correndo telefonar para a mãe, dando a notícia.

O noivado foi anunciado em 24 de fevereiro de 1981, e logo Diana se mudou para um apartamento no Palácio de Buckingham. Como a futura nora era bem-nascida, a rainha acreditava que ela estivesse ciente do



© AP/WIDE WORLD PHOTOS

que se esperava dela. Assim escreveu a uma amiga em março de 1981: “Estou certa de que Diana vai considerar a vida aqui menos difícil do que se pensa.”

NA VERDADE, Diana não tinha idéia do que esperar – e desde o princípio achou a vida real um fardo imenso. Na maior parte dos dias, nadava de manhã na piscina do Palácio, dedicava-se aos planos para o casamento e tinha aulas de ginástica e dança. Passava o resto do tempo à toa, entediada e cada vez mais irritada.

Reprimida e solitária, Diana começou a adoecer, apresentando os primeiros sintomas da bulimia. Ia várias vezes ao dia à cozinha, enchendo uma tigela com cereais, fru-

Toda sorrisos – A princesa e a rainha Elizabeth cumprimentam súditos em Londres, em agosto de 1987. Mais cedo nesse dia, Diana pedira conselhos à sogra.

tas, açúcar e creme. Depois, no banheiro, provocava o vômito.

Seu estado de espírito tornava-se cada vez mais imprevisível e Charles era alvo de grande parte de seus ataques. Por que ele não passava mais tempo com ela?, perguntava. Explicavam-lhe que a agenda de compromissos do príncipe fora programada meses antes. Isso pouco adiantava para apaziguá-la. A rainha preferiu ignorar o comportamento de Diana naqueles primeiros meses, achando que ela precisava de tempo para se

ambientar. Quase todos, desde a rainha até a equipe que atendia Diana, atribuíam seu comportamento a um problema “de nervos”.

Sozinha, Diana conseguiu com muita dificuldade superar aquela fase. Num período especialmente difícil em junho de 1981, quando o príncipe estava viajando, ela fugiu. Depois da festa de aniversário de 21 anos do príncipe Andrew, irmão de Charles, pegou seu carro às 5h30 e seguiu para a casa de sua família, a uma hora dali. Disse ao pai, John Spencer, que ia desmanchar o noivado. Ele tentou tranquilizá-la, afirmando que ela estava sob grande pressão. Depois de casada, disse o pai, tudo seria mais fácil. Na noite de domingo, Diana estava de volta ao Palácio de Buckingham, agindo como se nada tivesse acontecido.

A MAIORIA das noivas desfruta com prazer a lua-de-mel. Diana, porém, no cruzeiro pelo Mediterrâneo, sofreu uma forte crise de bulimia. Após 15 exaustivos dias, marcados por brigas terríveis, os recém-casados voltaram para Balmoral. O príncipe chamou um médico, o primeiro dos muitos que tentariam ajudá-la. “Todos os psicanalistas e psiquiatras que se pode imaginar apareceram para me tratar”, contou Diana. Em termos médicos, alguns achavam que Diana sofria de distúrbio de personalidade limítrofe. Os sintomas incluem medo do abandono, tendência a um comportamento histriônico, necessidade de adoração

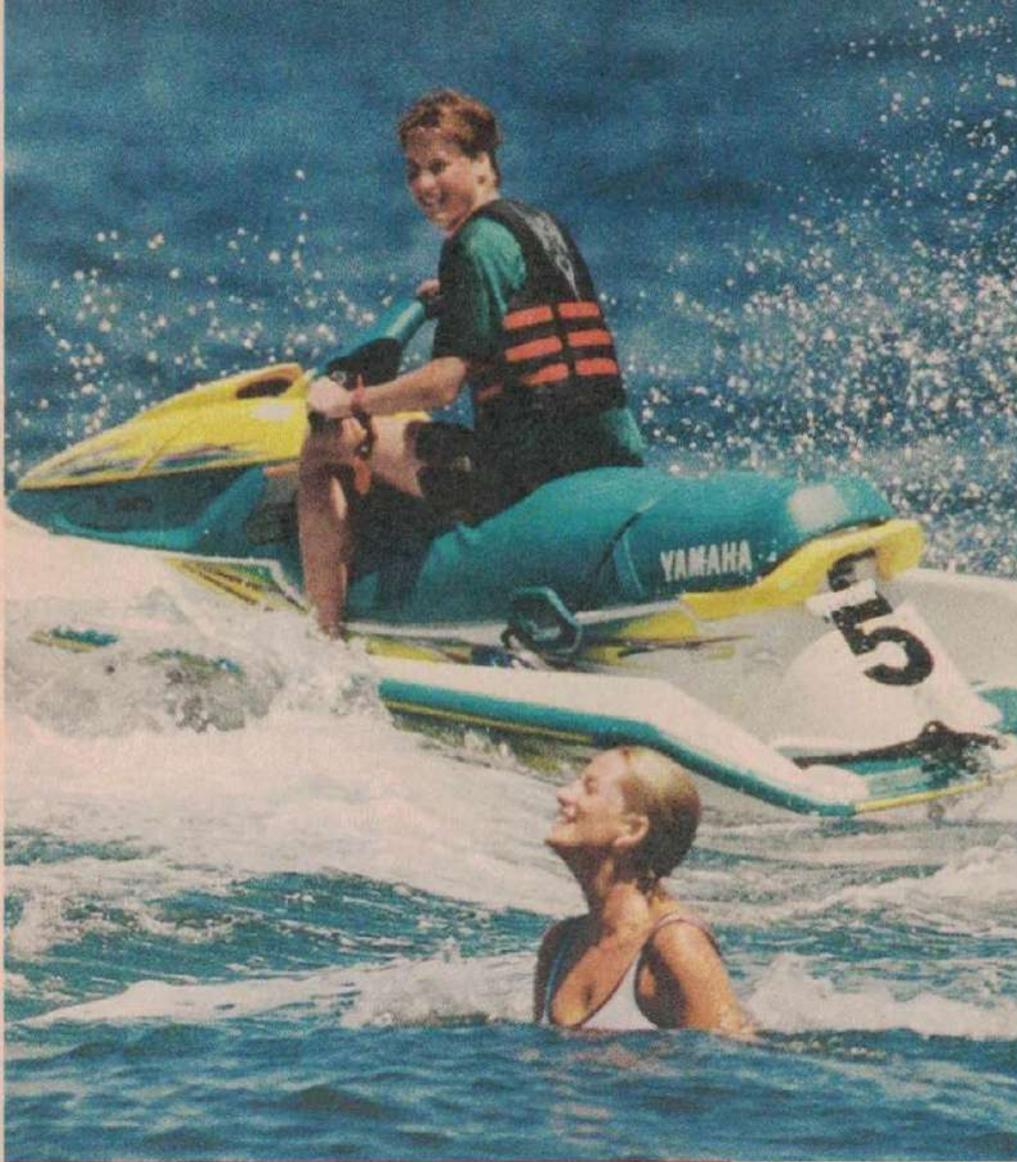
e alterações de humor. A bulimia pode ser mais uma das manifestações do distúrbio.

A rainha mostrou-se compreensiva em relação aos problemas de Diana, especialmente depois que ficou claro o quanto a nora estava doente. Apesar de toda sua reserva, Elizabeth parecia ter uma empatia natural com Diana. E por algum tempo a jovem princesa considerou o apoio da rainha uma grande fonte de conforto. “Tenho a melhor sogra do mundo”, disse-me ela uma vez.

MAS A indulgência da rainha não conseguiu superar o abismo entre Diana e Charles. Diana era uma exuberante moça da cidade, de 20 anos, inexperiente no amor. Charles era um contemplativo “homem do campo”, como ele mesmo se descreve, tendo vivido vários casos amorosos.

A rainha esperava que o nascimento do príncipe William, em 1982, e o de Harry, dois anos depois, aliviassem as tensões, dando a Charles e Diana motivos para se unirem. Mas, ao contrário, as pressões sobre o casal aumentaram. Os problemas emocionais de Diana se agravaram e em breve o casamento começou a desmoronar.

Diana passou a visitar o Palácio de Buckingham procurando a orientação da sogra. De início, a rainha tinha paciência com aquelas visitas inesperadas. “Diana costumava sair



Diversão em família – William, filho mais velho e herdeiro do trono britânico, brinca em torno da mãe durante as férias de julho de 1997, na Riviera Francesa.

com um humor bem melhor do que quando chegava”, disse uma das damas da rainha.

No entanto, com o passar do tempo, Elizabeth veio a temer esses encontros. Depois de um deles, um empregado do Palácio comentou:

– A princesa chorou três vezes em meia hora enquanto esperava para vê-la.

E a rainha respondeu:

– Estive com ela durante uma hora e ela chorou sem parar.

Diana ia em busca de consolo onde quer que pudesse encontrá-lo. Em 1986, ela e o capitão James Hewitt, da Cavalaria da Rainha, tornaram-se amigos íntimos. Por sua vez o príncipe Charles reatou o relacionamento com Camilla Parker Bowles, mulher casada que, na opinião de muitos, era o amor de sua vida.

A rainha Elizabeth foi avisada desses fatos. Uma vez comparara Diana a um “cavalo de corrida nervoso”, que ne-

cessitava de cuidados especiais, e não de disciplina rígida. Apesar das evidências, convenceu-se de que, se dessem a Diana a independência de que dizia precisar, ela teria mais autoconfiança e ficaria mais tranqüila.

Em vez disso, o que se seguiu foi a publicação, em junho de 1992, do livro de Andrew Morton, *Diana, her true story* (Diana, sua verdadeira história). O *best seller* sensacionalista mostrava Charles do pior modo possível e retratava a família real como sendo tão fria e voltada para si mesma que era incapaz de se sensibilizar com o sofrimento da princesa. Embora Diana não desse declarações diretas, estava claro que colaborara no livro. A rainha ficou chocada. Sabia

como a nora era infeliz, mas nunca imaginara que Diana poderia expor sua vida particular daquele modo. Na maioria das famílias, esse comportamento teria significado o fim imediato do casamento. Em vez disso, a rainha ordenou uma espera de seis meses. Charles concordou. Diana também. Apesar de todos os ressentimentos, a princesa tinha consciência de como seria sua vida se fosse totalmente excluída da família real.

DURANTE todo o tempo Diana apresentava uma imagem cativante de beleza e sensibilidade. As revistas de fofocas podiam imprimir quilômetros de histórias sobre brigas e romances clandestinos, mas Diana continuava a cumprir seus compromissos e o público nunca deixou de adorá-la. Além disso, ela sentia uma compaixão sincera pelos enfermos e infelizes. Numa família real necessitada de uma face mais humana, ela era a única que podia se ajoelhar para confortar uma criança doente e transmitir sinceridade no gesto.

Como qualquer outra pessoa, Elizabeth via os benefícios que Diana podia trazer à monarquia. Mas, à medida que seguia um caminho pró-

prio – por exemplo, quando, numa entrevista na TV, questionou que Charles tivesse integridade moral para ser rei –, a princesa foi se tornando um risco cada vez maior. Charles e Diana se separaram no fim de 1992 e se divorciaram em agosto de 1996. Um ano depois, ela estava morta.

NO FIM, DIANA foi a única pessoa que a rainha não conseguiu controlar. Ela reagia mal às críticas – qualquer recriminação vinda da rainha era interpretada como um ato da família unindo-se contra ela. Nem a paciência nem o desagrado mudo no olhar frio de Elizabeth impressionavam Diana. Mas, ao se omitir e permitir que Diana desconsiderasse os limites das convenções que conservavam a monarquia em seu lugar, a rainha, sem querer, consentiu que a princesa perdesse o controle.

Atualmente, casar-se com um membro da Casa de Windsor não é nenhum conto de fadas. Charles, a princesa Anne e o príncipe Andrew se divorciaram. Ao analisar em retrospecto a confusão dos casamentos desfeitos dos filhos, a rainha pode se perguntar se fracassou em seu dever de mãe. Ou, como indagou um dia a uma de suas damas: “Onde foi que erramos?”

DÚVIDA CRUEL

Quando estava renovando meu diploma no Departamento de Medicina, ouvi o funcionário perguntar ao homem que estava na minha frente se queria ser doador de órgãos.

– Não sei – respondeu ele. – Será que dói? – ROBYN TRIPPANY, *EUA*